

UM INTRÉPIDO MODERNISTA.

Uenes Gomes Pereira Barbosa Silva¹

Resumo: As ideias modernistas acabam chegando ao Brasil no primeiro decênio do século XX, tendo como ápice a semana de Arte Moderna – essa semana de 22 foi o movimento consolidador dessa mentalidade que visava à quebra da hegemonia europeia no país -, forma de pensar o Brasil e suas representações. Como produto cultural, não iremos perceber o país envolto de pronto no debate, pelo fato de causar estranhamentos em algumas regiões e alguns intelectuais não aderirem ao debulhar de uma iminente cultura eminentemente brasileira, como exemplo, Monteiro Lobato. Enquanto no Sul havia essa discussão de uma arte típica brasileira, uma arte tropical e avançada, pois, como afirma (SALIBA, 2012), as ideias modernistas já estavam em prática ou sendo implantadas em países avançados, tidos civilizados, modernos bem antes da Grande Guerra; no “nordeste”, a ideia do país agrário e preservacionista da cultura açucareira era um discurso constante representado por Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Austro Costa, dentre outros que se destacavam. Seria como uma praga, quebrar esse movimento que valorizava um Brasil que dava certo, saudosos do áureo tempo colonial. Casa Grande e Senzala (1933) faz um panorama das ideias da época e constrói também identidade e reforça visões pragmáticas de antes da Guerra que se acentuam nas produções de Portinari, Sérgio Buarque, Paulo Prado, os quais pincelaram um projeto de nação invólucro em colonialidades. Nesse meio patriarcal, que se tende a manter as ideias de um país ligado ao atraso colonial, um jovem pernambucano se entusiasma com as notícias que chegavam nessas paragens e decide lutar para que o modernismo fosse uma doutrina nacional e não apenas regional, porque, se era para pensar o Brasil, que se pensasse da forma geográfica. Então Joaquim Inojosa levanta a bandeira do modernismo, no “Nordeste”, tendo atritos com Gilberto Freyre. Este artigo pretende discutir as articulações políticas e culturais que colocam Joaquim Inojosa como o principal personagem a se engajar na propaganda o modernismo na parte nordeste do país. Destacando a importância de uma missiva produzida por ele em Pernambuco, a Revista Maurícia refletia as ideias vindas de São Paulo. Procura, também, este artigo, entender o porquê do esquecimento da academia ao nobre modernista que acaba dimensionando o movimento paulistano. Ao passo que também busca refletir as relações de poderes vigente.

Palavras-chave: Modernismo – Regionalismo – Identidade Nacional

Introdução

De um lado Gilberto Freyre, representante de uma elite escravocrata, proveniente de uma família importante que desde a colonização esteve no processo de construção do projeto de Brasil. Sendo ele quem era e pertencendo a nobreza de Pernambuco fez com que seu discurso estivesse canalizado ao apelo

¹ Graduando em História – FFPG; Atuante em História Regional e Local, Patrimônio, Identidade e Memória; Discursos. E-mail: uenesgomes@msn.com

da manutenção dessa estrutura, quase feudal. Do outro lado, filho de uma família de posses, também desta parte do Brasil, Joaquim Inojosa - destaque entre os jovens paraibanos, pois esteve cursando seus estudos no liceu -, militou em oposição ao projeto do regionalista, implementou o modernismo no Nordeste² e consolidou as ideias. O veio condutor dessa discussão será o conflito entre intelectuais, um em detrimento do outro, ambos tendo como força motriz o avanço da forma de pensar o Brasil. Haja vista que no século XX o país ainda em formação tomava caminhos diferentes no que concerne à cultura. Modo de discutir as mentalidades que estarão em consonância construindo a identidade da nação. O país não passava de uma pequena parte do território, concentrado em São Paulo e ali se projetava o ideal de progresso e de país civilizado. Não caberá afirmar ou refutar os dados presentes em textos específicos afim de colocar em xeque uma tese inédita. Este trabalho parte da necessidade de se conhecer um pouco mais sobre o Modernista corajoso que implementou o projeto paulista de pensar o Brasil nessa região. Segundo o jovem, falava-se em “movimento brasileiro”.

O modernismo só chega ao Brasil bem mais tarde. Após a grande guerra que começam a aportar em terras brasílicas ideologias que contestavam as rebuscadas e suntuosas maneiras de escrever, pintar e dramatizar. O modernismo para a juventude da década de 1920 tem grande relevância no que concerne a oportunidade que essa elite intelectual tinha em ascender, quebrar a hegemonia de uma cultura oriunda da Europa. Momento importante para quebrar com o pensamento regionalista que se mostrava propenso a um mecanismo para estrutura colonial e engessado, sem oportunidades para discutir outras ideias. Este artigo além dialogar com os conflitos dos dois intelectuais em discussão no século XX, busca mostrar quão esse embate foi importante para um novo processo de pensar a história a partir da literatura do país.

Há nos dois personagens apresentados na análise debatida, perfis fortes e de expressões singulares. Vale salientar que um dos dois intelectuais tem grande expressão nacional. Inclusive suas ideias parecem colocar o protagonismo de

² Durval Muniz de Albuquerque em seu livro A invenção do Nordeste, destaca elementos que ajudaram a fundar o mito de uma região que não existia até a década de 1920.

Joaquim Inojosa em situação coadjuvante, dada a larga produção bibliográfica que produzirá e terá grande divulgação. Produção esta que pensa um Brasil. O assunto que vamos tratar parece adormecer nos Grupos de Trabalhos das Universidades. Sobretudo a obra do intrépido modernista.

Uma discussão sobre o modernismo

A modernidade chegou para todos, ou quase todos! O recorte temporal que estamos dando nesse artigo está, sobretudo, dentro da discussão do moderno. Será elemento dessa discussão o escritor Joaquim Inojosa, modernista, em detrimento de uma outra ideologia que também é moderna, mas não contemporânea das ideias conservadas pelo regionalismo impregnado no norte do país. Afim de traçar a doutrina modernista, nosso protagonista buscará hegemonizar o debate para que o Brasil se torne brasileiro. É um debate contundente e de revisão historiográfica se pegarmos como referência as obras de Gilberto Freyre, autor de obras emblemáticas que pensou o Brasil moderno, mas agrário, sem rupturas.

Quebrar com a lógica colonial pelo campo da cultura era algo que se discutia desde os últimos anos do século XIX. A postura da Academia Imperial de Belas Artes e do Instituto Histórico e Geográfico eram hegemônicas; na década de 70 do século XIX a geração daquela década sobrepuja todo e qualquer tipo de ideologia, apenas ser brasileiro bastava. Mas essa identidade nacional usava como forma a Europa. Logo ser moderno era falar francês e consumir a cultura europeia no território nacional. Era básico observar essa influência nas mais diversas instâncias sociais. De norte a sul; dos mais desenvolvidos aos mais agrários, a cultura europeia imperava. O século XX e seus eventos, trarão outros significados para o termo discutido, porque haverá uma dinâmica maior, consequência do conflito que eclodiria em 1914. Além de grandes danos, a guerra traria um novo tempo e o ser moderno está na discussão mais uma vez, além do mais ser modernos estava em romper com as ideias obsoletas. Apesar de ser uma palavra polissêmica, modernidade surge “quando há um sentimento de ruptura com o passado” (LeGoff, 1994). Em contrário ao que LeGoff diz, Ruanet, não acredita numa ruptura e sim uma transição de um momento para outro (RUANET, 1987).

Antes de atingir o Norte, o modernismo será pauta constante nos panfletos e jornais paulistas afim de debater a identidade do país. O projeto de nação ainda confuso devido os discursos que precisavam desprender-se daquela geração de 1870, que mantinham mentalidades racistas e eugênicas, eliminando os conceitos de Brasileiro que se forja na década de 20. O movimento modernista no Brasil, não aparece em 1922, é um evento que se antecipa, mas culmina no ano do centenário. Renato Ortiz em *História da Cultura Brasileira e Identidade Nacional*, discute sobre construção dessa identidade e dessa proposta do abrasilizar-se. Segundo o autor “o Brasil não pode ser mais uma “cópia” da metrópole [...] ser brasileiro é viver num país geograficamente diferente da Europa, povoado por uma raça distinta” (idem. pp. 16-17). Além de se separar da Europa, começa a inserir os tipos humanos até então marginalizado e vítimas de teorias raciais, muito forte no final do século XIX e início de XX. Os anos 1920 fora na história mundial a década de surtos e desequilíbrio do sistema econômico vigente; o capitalismo ruiu na *Wall Street* em 1929. Foi um estrondo, o mundo moderno acabara de ser vencido, o sistema que não ruiria, teria uma grande tarefa para reimplementar sua credibilidade.

O movimento antropófago detinha um elemento de unidade muito tênue, porém parecia adequar-se as ideias daquele momento em que São Paulo se firmava como centro da política e economia do país. Nativos que haviam sido representados durante o século das ciências, que remetiam ao passado colonial, mas morto, começara a ser discutido e repensado de forma que a ideias do “ser brasileiro” destacasse a sociedade tropical e na sua construção de autenticidade; procurando desfazer tudo que remetesse a Europa, como falara Ortiz (2006), e punha fim na hegemonia da Torre de Marfim – nome dado a academia brasileira de letras – que desde sua fundação em 1897, influenciava as mentalidades. Logo o movimento que se desenha em São Paulo caracterizaria o futuro do país. Na análise de Elias Thomé Saliba em texto sobre a cultura brasileira destaca uma frase de Sérgio Buarque de Holanda – que promoveu um debate forte, contundente e presente sobre a formação do país e como se porta a nação ante um elemento ainda não resolvido, no campo da dialética que é a identidade nacional -: o movimento era a manutenção e por consequência o futuro desse

novo Brasil que comemora no momento da Semana de Arte Moderna, o Centenário da Independência.

É importante enfatizar que o modernismo em expansão no século XX chegara aqui com muito atraso; era reflexo de uma época muito conturbada, há um conflito mundial acontecendo e isso engessará a entrada das discussões sobre o evento na Europa nosso território; isso pelo fato de um percentual da população letrada pertencer a uma pequena elite. Uma fiscalização intensa e o atraso no transito das informações dirão muito dessa disparidade em relação ao desenvolvimento das discussões sobre o conflito. Em 1914, muitos países da Europa já haviam tido contato com o modernismo. Os efeitos aqui começam a partir dos primeiros contatos. A chegada dessas mentalidades, de modo geral propuseram quebrar com toda a construção ideológica de uma cultura que refletia o velho mundo; esses ideais colocaram em cheque uma identidade que custou ser construída, mas não era genuína. A partir daí subentendia que o que comungavam não substanciava mais a elite brasileira [paulista], era necessário reinventar. Toda mudança causa estranhamento e uma repulsa proporcional; como o modernismo não foge à regra. Saliba, discute em artigo publicado no livro História do Brasil Nação.

recomeçar do zero era quase um projeto universal da cultura modernista, na sua ansiedade por encerrar definitivamente a belle époque e sepultar, por entre os tristes escombros da guerra, fragmentos daquele projeto liberal, igualmente utópico, de uma grande comunidade internacional, autorregulada pelas mãos invisíveis da perfeição antiga da linguagem, instaurar um grande divisor de águas entre o passado e o presente...(SALIBA, 2012: p. 275)

Ruptura e continuidade ou melhor dizendo, uma sensação de ruptura, paira no evento de 22. Isto levaria a conclusão sobre o que seria o moderno, se não era continuar com as ideias vigentes, romper com o processo e iniciar outro denotaria a modernidade? No campo da literatura, moderno estava em romper com paradigmas e quadros postos a muito que não mais condizia com o país arcaico e fora de moda que se pintava. Contudo pensar o Brasil e sua identidade vai consubstanciar a discussão do ponto de vista que o que era arcaico, que lembrasse a as manifestações de origem europeia no território nacional precisava ser detonado. Como o pré-modernismo manifestara-se desde as publicações de Augusto dos Anjos e o Euclides da Cunha, esse último, que apesar de preservar o

parnasianismo como estilística narrativa, colocou em *Os Sertões* elementos que podemos julgar pré-modernistas. Estabelecer um ano zero para o movimento literário no país era quase impossível.

No livro, as Razões do Iluminismo, Sérgio Paulo Ruanet discute a polissemia do moderno, “uns aplicam o termo exclusivamente à arquitetura, ou à literatura”, contudo quando verificamos a análise sobre ruptura o autor critica, “nem sempre existe coincidência entre ruptura e consciência de ruptura” (RUANET, 1987, pp 229-230). Aplicando no contexto discutido neste artigo, não houve o rompimento com uma ideia e implementação de outra sem resquícios. O autor defende a questão da continuidade, porque há uma revisão, porém quem precede com essas revisões da nossa identidade no campo da literatura será aquela elite, uma elite pronta para deglutir uma nova cultura, genuinamente brasileira, sem nenhum elo com as ideias oriundas do velho continente, de onde vinha as influencias no período da Belle Époque. O moderno visava o fim desse “visajismo” civilizado e implementar o **novo**.

Transformações ocorridas na sociedade brasileira de 1922-1929.

Comemorava-se cem anos de independência, primeira transmissão de rádio, ano da exposição nacional em intenção do aniversário da conquista da autonomia jurídica do Brasil como Império; Na Itália ocorria a marcha sobre Roma. Ao passo que acontecia isto, aqui no Brasil se fundava o Partido Comunista. Economicamente o Brasil estava em crise, com um sistema político falho. A república oligárquica dava sinais de que estava chegando ao fim. Com sede no Rio de Janeiro, o governo federal pouco influenciara nas decisões políticas no Norte, a não ser quando a intenção era ganhar dinheiro; quando acontecia isso, realizava-se grandes encontros afim de mobilizar os representantes do Estado, os todos poderosos Coronéis dos interiores do país, que faziam o papel de juízes autocratas, imperadores desses sertões. Sobre esse fenômeno, Márcio Vilella³ nos diz que, mais que simples reprodução de

³ VILELA, Márcio Ananias Ferreira. A trajetória política de Francisco Heráclio do Rêgo. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2014.

estruturas políticas coloniais o coronelismo ocorre no momento em que os representantes desses *semi-feudos* estão em decadência.

O Nordeste⁴ sequer existia; ainda em processo de construção o Norte do país participava da política nacional, denotando grande relevância para que esse projeto de poder pudesse dar certo. A Guerra ainda doía no consciente do povo, sobretudo nos que vieram para o Brasil afim recomeçar a vida. Com grande leva para o sudeste, os imigrantes a construir uma identidade distinta, somando ao caldeirão que já havia. Como consequência dos problemas da guerra, em Pernambuco a produção algodoeira tem um grave déficit de exportação, Limoeiro⁵ tem uma queda na sua produção; São Paulo procura driblar a falta de mercado para o café até então de intensa parceria comercial com os Estados Unidos, que entrara em recessão.⁶ Período que São Vicente Férrer⁷ vivia o auge da produção cafeeira, haviam implementações do Instituto Brasileiro do Café, uma máquina beneficiadora de café, na Vila São Vicente celebrava o progresso e a importante e expressiva produção do grão para a economia local e regional. E os intelectuais? Filhos de latifundiários, buscam qualificação no Recife. Uma gama desses jovens, instalam-se na Faculdade de Direito, curso que compreendia a uma grande demanda na época e de lá comanda as mentalidades literárias dessa parte do país, enquanto a Universidade do Brasil, no Sul, tinha esse dever. O centro acadêmico do Recife era disputado. Recebeu e formou exímios estudantes de diversas regiões do estado de Pernambuco e dos estados vizinhos. A demanda pela Faculdade de direito devia-se a ela ter herdado os louros da Escola de Olinda.

Joaquim Inojosa: Um intrépido modernista.

Nascido em São Vicente, uma vila às margens do Rio Capibaribe-mirim, um dos veios de povoamento da mata norte do estado, Joaquim Inojosa de

⁴ ALBUQUERQUE, Durval Muniz. A invenção do Nordeste e outras artes. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

⁵ Terra do poeta convertido ao modernismo, Austro Costa.

⁶ Ao final de 1929 teremos uma área de instabilidade, a quebra da bolsa de valores traça novos desenhos do desenvolvimento econômico do mundo capitalista.

⁷ Nome dado após a segunda emancipação, pois em acordo com o Dicionário Corográfico de Pernambuco, a atual cidade de São Vicente Férrer, teve seus domínios anexados a Macaparana, no período do Golpe de 1930, inclusive o nome da antiga Vila de São Vicente foi alterado para, Manoel Borba. Que havia nascido nos territórios de Timbaúba, porém após as delimitações que fizeram surgir novos municípios, a propriedade que o ex-governador nasceu, estava no perímetro do novo município, em 1928. O dado é posterior a 1922.

Andrade descende de uma família importante ligada a chamada aristocracia rural. Como tantos outros “bem nascidos” dessa região passou pelo Nabuco de Timbaúba, Ayres Gama e Ginásio de Pernambuco; ainda jovem foi estudar no Liceu Paraibano de onde saiu para a faculdade de Direito do Recife e conquistou destaque ante as elites intelectuais do Norte do Brasil. Os anos de sua mocidade foram marcadas pelo protagonismo evidente do jovem escritor que demonstrava um perfil literário arrojado e promissor. Os debates sobre Joaquim Inojosa são escassos, a sua produção na academia tem um espaço mínimo, parece que há uma resistência de manter o anonimato do intelectual, preservando a imagem do regionalista e militante pela causa o sociólogo Gilberto Freyre. Mas sua vida pública é cheia de emaranhados e de caminhos cruzados com grandes escritores influentes do movimento modernista. Contudo como participante de uma pequena parcela de uma população tinha condições financeiras, pois integra uma elite rural, tem ampla possibilidade de prosseguir seus estudos e desse modo segue da antiga Parahyba – capital do Estado da Paraíba – para o Recife, onde graduou na sede da Faculdade de Direito seu curso superior. Naquela instituição trouxe consigo a retórica necessária para proferir seus discursos fortes e carregados de argumentos. Que mais tarde usará em prol de sua campanha pela implantação do modernismo no norte.

No Recife do século XX as rodas de discussões estavam voltadas para uma elite intelectual decorrente da açucarcocracia, referindo ao litoral e de outros produtos mais diversificados nos interiores, dos grandes produtores latifundiários dos centros comerciais. Limoeiro por exemplo terá o poeta Austro Costa, será um resistente opositor as ideias do amigo Joaquim. Entretanto o regionalismo ganhara força, criando identidade, e forjando pertencimentos que não condiziam com uma necessidade de pensar a nação como se propunha no sul. Nesse processo Joaquim Inojosa comunga das ideias regionalistas mas converte-se ao modernismo ainda em Pernambuco, quando tivera notícias sobre o movimento brasileiro no sul. “Inojosa era um entusiasta por Natureza. Desde sua atuação como estudante as suas atitudes profissionais como jornalista e advogado, procurava ser o melhor para seus compatriotas” (LIMA, 2006). É sabido que naquele momento as intenções eram convergir as ideias modernistas, que dizia muito do país que pretendia se fundar em detrimento ao regionalismo,

que mantinha as estruturas coloniais e ultrapassadas de uma elite rural no poder. Os contatos de Joaquim Inojosa e suas ações para trazer o modernismo para o norte geraram conflitos nada amistosos com Gilberto Freyre. Não só com o jovem estudante, mas com outros jovens escritores que procuravam interpretar a nação e dentro dessa perspectiva endossar os projetos para cultura nacional.

Em obras clássicas sobre o modernismo no norte do Brasil percebemos os meandros pelo qual o modernista percorreu, os laços que criou. A sua visita a São Paulo e o contato com Menotti Del Picchia provocou no jovem escritor necessidade de implementar as discussões no Norte. Sobre o qual disse “nortista de boa sepa” (LIMA, 2006; p.60) Menotti faria constantes contatos com o referido escritor. Não apenas o Del Picchia, mas outros nomes do movimento também foram contatados por Inojosa. De Recife procurava dialogar com os núcleos de estudantes que se mostravam resistentes ao pensamento moderno. Ascenso Ferreira, para citar, destaca em seus poemas, sátiras dos poemas proferidos no sul do país. Obviamente afim de criticar aquele manifesto que tinha objetivo claro de trucidar com o pensamento colonial resistente nas elites rurais. Contudo será um dos que defenderá mais tarde o modernismo como movimento legítimo. Deve-se o feito a visita de Guilherme de Almeida, cujo conversas converteu o regionalista Ascenso (idem, p.47). Ainda na discussão traçada por Allan Melky de Lima, as conversões foram acontecendo meio que por encanto dos ouvintes. Porque ocorre o mesmo com Autro-Costa. O poeta divulgou duras críticas ao movimento. Cria que as ideias modernistas não contemplavam a mentalidade do círculo que ele fazia parte. Publicações em Jornais importantes do Estado, rivalizam grupos estudantis, destaca-se o Jornal do Commercio, que virou palco de grandes debates de natureza literária. Buscando propagandear os êxitos do movimento, mas também outros jornalistas criticavam as produções e as repercussões, assim também como as conversões. Maria Margarida Tomais da Silva destaca em sua produção acerca do Joaquim Inojosa, que os grupos rivalizavam ao se encontrar nos cafés, muito importantes no cenário social e intelectual de Recife. Insultos e deboches eram constantes aos adeptos as modernistas (SILVA, 2001).

O Jornal do Commercio serviu de apoio para as ideias de Inojosa, será lá que várias discussões e artigos começará a dar vasão para a propaganda do

modernismo. Em *A Tarde*, outro jornal ele publicará um artigo chamado “O que é futurismo”.

Ideias se opõem: O modernismo e a sua implementação no Nordeste.

A revista do Norte trabalhava propagandeando as ideias do jovem Gilberto. A produção literária acerca das discussões entre os passadistas e futuristas, determina a tensão que apresentava implementar o movimento no norte do país. Insistimos em afirmar o território do prélio como norte e não nordeste, pois este termo só vai ser construído nos anos 30 e 40, quando uma carga ideológica do estado começa a transfigurar a parte nordeste do Norte e criar um discurso pejorativo acerca da região.

O movimento regionalista, que aparece com destaque na produção literária do período decorre de um evento que foi organizado por Gilberto Freyre e que a partir daí as forças pela luta da retomada das tradições ficara mais forte. Sobre o modernista Inojosa, Durval escreve “foi realmente o primeiro intelectual a repercutir o movimento paulistano em Pernambuco”. Sob “O que é Futurismo” inaugura as ideias no “Nordeste” e passa a corresponder em Recife, a Revista Klaxon. O Diário de Pernambuco é escolhido por Freyre para escrever um artigo, em 1923 criticando o modernismo, mecanismos para manutenção das ideias regionalistas que tanto fundamentava a identidade nacional. Manter a estrutura colonial, era montar as reminiscências de uma era em que o Brasil era o Norte, e o açúcar fazia parte desse imaginário coletivo defendido por Freyre. Apraz dizer que suas produções reforçam a todo o momento o destaque açucareiro e esse como força motriz para a civilização brasileira. Sendo assim esse atrelamento com as tradições, que remontam o país rural, denota a identidade nacional; o Nordeste seria a única região que não havia sido infectada pela cultura europeia, deste modo a única região tipicamente brasileira. A menção a Freyre se torna mais incisiva quando se procura explicar suas ações em defesa do regionalismo. Tanto esse movimento como a produção do primeiro Congresso Afro-brasileiro; cabe dizer que são dois movimentos culturais de grande proporção. São Paulo naquele momento (onde procurava romper com as tradições que enferrujava ainda mais a identidade nacional) cobre o evento, mas de má vontade

(ALBUQUERQUE JR, 2011: p.107) Mário Sette aparece como uma figura esplêndida para Gilberto, isto porque sua obra refletia os traços da tradição.

Em seu livro sobre Arte Moderna e Brasil Brasileiro, Inojosa diz que o movimento ocorrido em Pernambuco e fomentado por ele acerca do modernismo, terá grande importância, pois apesar de críticas sobre as ações para a divulgação dos conceitos, a *Arte Moderna*, traça um roteiro sobre as ideias em Pernambuco, e para além deste estado. Merecendo inclusive um grupo literário em Princesa Isabel – PB, levando o nome do impávido Inojosa. (INOJOSA, 1977). Apesar das críticas feitas e as várias publicações que enxovalham palavras de descrédito ao movimento, sobretudo os regionalistas que não criam nas faces desse modernismo a *français* que se propaga em São Paulo, atinge a Paraíba, como fora mencionado; também Belém, Natal e outras regiões do Norte. Em 1923, Freyre, publica uma crítica ao movimento modernista no Diário de Pernambuco.

A Klaxon em São Paulo; no Norte, Mauricéia⁸. A Mauricéia será publicada em Recife, apesar de lembrar o nome do poema do colega Mário de Andrade, sugere os tempos flamengos em que a cidade do Recife passara a chamar o Cidade Maurícia. Definições a parte a publicação terá curto período, sua circulação parece minguar a cada edição. Tentando sobreviver de anúncios, traça um panorama sobre a região do interior. Seu alcance é razoável, salvo leitores paraibanos e potiguaras, claro pernambucano na sua amplitude. É nessa revista inclusive que vem o nome da primeira adesão: Austro-Costa. No mais Homero Homem descreve os paços de Inojosa em missão do manifesto modernista. Numa linguagem “ácida” ele fala de Inojosa da seguinte forma “quem *ele* elogia pode ao menos dizer que não é desprovido de inteligência” (INOJOSA, 1984). A máxima expedida por Homem coloca o corajoso intelectual numa posição de destaque. A revista assume em dado momento a função de guia literário, tendo redigida em suas páginas resenhas de livros e periódicos. Oposta as publicações que militam as ideias de Freyre, a de Inojosa traça ideias que opõe a obsolescência da identidade colonial e de um projeto de Brasil Rural.

⁸ Um poema de Mário de Andrade. A obra traçou os alicerces no modernismo em São Paulo.

Dos vários embates que os dois intelectuais travam, nos jornais sobretudo, uma crítica a Freyre parece demonstrar quão forte era a peleja “Aqui no Recife ainda existem **espíritos vigorosos**, os quais, não aceitando em todas as suas feições, não desdenham da Arte Moderna” ora, mas como não desdenha? A reflexão nos leva ao texto publicado no livro comemorativo ao sexagenário aniversário do movimento modernista, em 1984. Em A arte Moderna, segunda edição, Homero Homem Cavalcanti, no texto intitulado Joaquim Inojosa Moderniza o Brasil, dialoga sobre um Gilberto não tão regional assim, posto que viera dos Estados Unidos da América. De lá, em contato com seu mestre Fraz Boas, assimilou muito da cultura norte-americana e é de lá que ele escreve os esboços para Casa-Grande e Senzala – década inclusive que o movimento modernista começa a ter frutos. Porque as várias gerações pósteras a 22 trarão consigo inúmeras leituras do evento no Municipal. Modernista ou não se sabe que Freyre não parece tão conservador, se analisarmos o lugar de onde se refere passaremos a observar um liberal moderno, comungando das modernidades que o rodeia, porém resistente aos ideais do país que começa a surgir e que compromete a elite que fizera parte, como Inojosa de Andrade. A sua trilogia influenciará a mentalidade do brasileiro, o mundo conhecerá sua obra, contudo os embates e o suor derramado para conter os avanços do jovem e intrépido Joaquim Inojosa, parece ser negligenciado nas rodas literárias. E na academia sua produção é inexpressiva. Percebemos inclusive a ausência de documentos acerca do legado que ele proporcionou para o Nordeste.

Há uma nova mentalidade na estrutura literária do norte do país após suas intervenções. A ideia de Brasil mudou muito, no que se refere a projeto de nação. No mais as discussões parecem convergir para um veio comum, uma ideia que engessa e cristaliza o debate sobre os movimentos de cunho revisionista da cultura e identidade brasileira. O que não se pode é negar as duras críticas que o movimento modernista em Pernambuco fez ao regionalismo e ao sistema patriarcal. Sabemos que é uma posição da elite sobre ela mesma, mas muito do contexto real foi alterado em 1922. De lá para cá as faces do país mudaram bastante. As revisões da invenção do Brasil são dinamitadas a cada década.

Considerações finais.

O projeto de nação que visava ser construído em 1922 pareceu ruir ante as adversidades que se levantaram naquela década. O Movimento Modernista em São Paulo procurou legitimar as ideias de uma nação que conhecia seu povo e sua história, contudo as amarras com a cultura Europeia precisavam ser derrubadas para que pudéssemos consolidar o projeto de nação. Intelectuais como Joaquim Inojosa tomaram a bandeira do movimento em detrimento do atraso dos outros Brasis que se mostravam ao longo do território. Um projeto audacioso de integração nacional a partir das ideias. No mais a perspectiva de uma nova cultura seria construída na incineração de uma com traços não muito originais. Dois grandes nomes da literatura puseram em debate suas ideologias e influencias. Comungavam dos mesmos ideais? Cremos que sim, porém com metodologias de pô-las em práticas diferentes, forçando cambiar inclusive valores. Durante toda a vida estudantil, desde a Vila de São Vicente, o jovem Inojosa se mostrou corajoso para pensar e abdicar de práticas que pusessem limites ao seu modo de pensar. O modernismo não veio automaticamente, é claro, porém seu contato com Del Picchia mudou as relações literárias que estavam intrínsecas no norte do Brasil. A produção de Inojosa é rica para pensar o Brasil. Apropriar-se dela é um bom começo para entender as mentalidades culturais presentes na literatura do Norte do país após os abalos na estrutura regionalista, promovido pelos discursos e campanhas modernistas inojosianas.

Referências bibliográficas:

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. A Invenção do Nordeste e outras artes. 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

ANDRADE, Manuel Correia de. Pernambuco Imortal. Recife, vol.13, Jornal do Comércio, 1995.

INOJOSA, Joaquim. O Movimento Modernista em Pernambuco. Vol. 1. Guanabara: Tupy, sd.

_____. A Arte Moderna. Rio de Janeiro: Cátedra Ltda, 1984.

_____. A Arte Moderna/ O Brasil brasileiro: Edição cinquentenária. Rio de Janeiro: Meio-Dia, 1977.

LIMA, Allan Melky de. **Novos ideais, outros horizontes, quadros diferentes:** Joaquim Inojosa e o Modernismo em Pernambuco nos anos vinte.

Monografia apresentada ao curso de especialização em História do Nordeste. Nazaré da Mata: Universidade de Pernambuco, 2006.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense 2006.

PRADO JR. Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1975.

RUANET, Sergio Paulo. **As razões do Iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

REIS, José Carlos. **História e Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SALIBA, Elias Thomé. **Cultura/ As apostas na República**. In SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). **História do Brasil Nação** Vol.3. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 239 – 291.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa M. **Brasil: Uma biografia**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Maria Margarida Tomais da. **A ação de Joaquim Inojosa na implementação no modernismo em Pernambuco**. Monografia apresentada ao curso de especialização em Literatura de expressão portuguesa. Nazaré da Mata: Universidade de Pernambuco, 2001.

VILELA, Márcio Ananias Ferreira. **A trajetória política de Francisco Heráclio do Rêgo**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2014.